

1888 - Ondina, 24 de setembro.

Cous.

Recebi a tua carta de 14 deste, e, como todas as tuas cartas de longe, verdadeiras cartas de ausencia e de saudades — ampla, banhada d'espírito, enzelada e doce. A hora em que te escrevo, 10 horas da manhã, nesta terça-feira de ouro e azul, porque o sol está de um ouro de gemma e o céu d'um azul inqualificavel e transparente de porcellana nova de vaso, eu me sinto profunda e romanticamente melancolico, debruçado sobre a minha pasta, p.^a te enviar, do feliz e santo recolhimento da amizade, estes bordados

ferrenis das minhas letras. Estou melan-
colico e de broken heart - como dizem
os betões que soffrem do amor - por ter
hontem, n'uma casa perto do mar, onde
todas as tardes vou amar e gorgear ter-
namente, emballado em illusões cor de
rosa de futuro brilhante, descoberto
nos olhos muito azues e luminosas da
minha amada, ~~uma~~ uma encantadora
inglesa que hoje é minha, sendo eu
tambem d'ella, a pontezinha subtil e o-
dienta de um desconsolado ciúme; do qual resul-
tou, mesmo pela noite e dentro, a obscuração
de uma nuvem fria e ininterrupta, que me

varou, nos labios mais que artisticos e mais que
 roseos do meu idolo. Este idolo, que tu tanto
 conheces, meu velho, fôra preciosa e galan-
 tissima filha daquelle inglesa do Livro
da China, que um dia me fez doudo
 por conhecê-la, e com que estevestas, por
 horas, não sei em que bella tarde de maioz
 n'uma venturosa palestra. Pois é ella, aquella
 menina que tu conheste na tertice ~~verffavel~~
~~flor~~ dos primeiros dias, e que multissimas vezes
 pegaste ao collo, talvez, que pôs hoje de uma
 trizteza doentia e nevoadada o meu pobre coração
 de Artista, onde o amor rebenta em jorros, fres-
 co e crystalino, como as nascentes de um rio.

